

Intuição e existência

14 de novembro de 2014

A distinção de Kant entre conhecimentos *a priori* e conhecimentos de experiência parece diferenciá-los por sua origem, mas dizer que um conhecimento tem origem *a priori* é inteiramente absurdo. É o mesmo que dizer que conhecemos uma verdade antes de que ela chegue ao nosso conhecimento. Uma verdade pode ser válida independentemente da experiência, mas só pode ser conhecida na experiência concreta de percebê-la, isto é, de pensá-la. Sei, independentemente da experiência, que um quadrado dividido na diagonal dá dois triângulos isósceles, mas nunca soube disso antes de haver pensado no assunto, e quem pode negar que pensar é uma experiência, um ato cognitivo realizado num certo momento do tempo por um sujeito cognoscente real e concreto? Um conhecimento pode ser *a priori* quanto ao seu princípio de validade, jamais quanto à sua origem.

A distinção de Kant é portanto confusa e inaceitável, pois não distingue os tipos de conhecimento segundo um critério único de diferenciação, mas segundo dois critérios superpostos.

Pior ainda. Essa distinção está ligada ao fato de que, segundo Kant, a intuição intelectual “está absolutamente fora do alcance dos nossos poderes cognitivos”. Não existindo intuição intelectual, restam apenas, de um lado, a intuição sensível e, de outro, o pensamento discursivo, os quais correspondem, segundo Kant, ao conhecimento *a posteriori* e *a priori* respectivamente.

Ora, nada mais óbvio do que o fato de que o pensamento discursivo repousa inteiramente na nossa capacidade de reconhecer a identidade e a diferença entre dois ou mais conceitos.

Digo, por exemplo, que um quadrado é uma figura plana de quatro lados e quatro ângulos iguais ou que é aquilo que aparece quando juntamos dois triângulos isósceles pelo seu lado maior. O pensamento discursivo coloca diante de nós os conceitos dessas duas figuras e reconhecemos, sem nenhuma hesitação, que são idênticas. Sim, mas como o reconhecemos? Por meio do pensamento discursivo? Nunca. O pensamento discursivo pode apenas nos apresentar os conceitos lado a lado. Reconhecer que são idênticos ou diferentes é um ato intuitivo imediato, ou então não é nada. O próprio Kant se esmera em distinguir entre pensar e saber, mas não leva essa distinção em conta ao negar a intuição intelectual. Pensamos o conceito de um quadrado e o dos dois

triângulos isósceles, mas saber que são idênticos é algo que vai muito além do mero “pensar”: é uma percepção imediata acompanhada de anuência completa da mente. É uma intuição. Logo, uma experiência.

O pensamento discursivo transita de uma idéia a outra, mas não pode, por si, dizer se uma idéia é igual ou diferente de outra; isso tem de ser apreendido num relance intuitivo ou não será apreendido jamais.

Outro exemplo. Tomo duas premissas quaisquer - “Todos os homens são mortais, Sócrates é homem. ” *Como* extraio daí a conclusão de que Sócrates é mortal? É acrescentando a isso novas proposições, isto é, raciocinando discursivamente, ou é percebendo imediatamente que o conjunto “todos homens” contém Sócrates como um de seus elementos?

Mais ainda. Os conceitos expressam essências, isto é, formas da possibilidade, mas a relação de identidade ou diferença (ou de continente e conteúdo entre duas essências não é ela própria apenas uma essência: é uma existência, algo que acontece na realidade e não só em hipótese pensada. O conceito de “quadrado” não nos diz se quadrados existem ou não; o quadrado que o meu pensamento discursivo me apresenta é só um ente possível. Mas, quando digo que um quadrado cortado na diagonal produz dois triângulos isósceles, isto já não é somente uma possibilidade e sim uma necessidade lógica. E como posso, ao mesmo tempo, dizer que algo é uma necessidade lógica e que só existe no campo das possibilidades? Uma necessidade lógica existe ou não existe.

O pensamento discursivo, por si, nada nos revela. Ele apenas transita de uma idéia a outra, de uma forma da possibilidade a outra forma da possibilidade. É a percepção intuitiva, imediata, que nos revela as relações necessariamente existentes entre duas ou mais formas da possibilidade. Com isso saímos do campo da possibilidade para o da *veracidade*, cujos personagens só podem ser concebidos como existentes, não como meras possibilidades.

Em suma, ou existe intuição intelectual ou o pensamento discursivo é apenas fantasia.

A intuição intelectual é um conhecimento por experiência. Não podemos apreender nenhuma verdade *a priori* sem a experiência intuitiva dos nexos entre os conceitos que o pensamento discursivo nos apresenta. Dito de outro modo: um conhecimento pode ser *a priori* no que diz respeito à sua validade, mas não quanto à sua origem.

Quanto à origem, todos os conhecimentos são experimentais, seja quando obtidos por meio dos sentidos (intuição sensível), seja quando obtidos pela percepção das relações entre conceitos (intuição intelectual). Quanto à validade, os primeiros dependem da presença espaçotemporal dos seus objetos par o sujeito cognoscente, os segundos dos nexos *a priori* entre conceitos, isto é, da necessidade lógica.

Ora, se a necessidade lógica não pode ser mera possibilidade como os conceitos que ela articula, mas tem de ser verdadeira e portanto existir, a conclusão inescapável é que a verdade – toda verdade – é uma modalidade de existência atemporal e inespacial, à qual temos acesso pela intuição intelectual.